

IMAGEM E MEMÓRIA NA IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO

MARINA BARBOSA DO REGO SILVA¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as relações entre memória e imagens, estabelecendo algumas abordagens sobre memória coletiva, características e conceitos da imagem no ambiente medieval e renascentista. A partir destas considerações, a proposta é analisar os exercícios de poder da Igreja e como a memória se construiu por meio das imagens deste movimento.

Palavras chave: Imagem; Memória; Cristianismo.

ABSTRACT

This article aims to present the relationship between memory and images, establishing some approaches to collective memory, features and concepts of the image in medieval and renaissance atmosphere. From these considerations, the proposal is to analyze the exercise of power of the Church and how memory is constructed through images of this movement.

Key words: Image; Memory; Christianity.

¹ Graduação em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestranda do Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Introdução

A memória é um dos meios pelo qual conhecemos o passado. Sua construção está relacionada à cultura, lembranças pessoais, contexto político que uma pessoa ou um grupo está inserido. A historiografia conta com um grande número de produções sobre o tema e possui uma variedade de abordagens sobre os tipos de memória. Neste artigo, a memória coletiva será analisada como produto de um processo de criação de imagens religiosas na Idade Média e no Renascimento, atravessadas de poder, subjetividade e intencionalidades. Elas são objeto de análise e reflexão sendo relacionadas às tentativas de construir a memória da Igreja Católica.

Neste trabalho é considerado por imagem, todos os objetos com intencionalidade visual, produzidos com temáticas religiosas no período do Renascimento. É preciso pontuar que essas produções não são exclusivas dos séculos XIV e XV, mas são presentes em alguns séculos anteriores, portanto diferentes períodos da Idade Média podem ser retomados.

O contexto político e religioso da Idade Média era permeado pela construção da força e poder de uma religião recente, que pretendia se fundamentar como uma das grandes instituições do Ocidente. A Igreja estava presente em várias esferas do cotidiano medieval, sua atuação não se limitava à espiritualidade, havia grande influência clerical nas questões monárquicas, econômicas, sociais e culturais. O poder estava centralizado nas mãos dos grandes representantes de Deus. Reis, bispos e papas controlavam desde a produção agrícola à cura de doentes e a produções das imagens que materializavam seu poder.

Em uma sociedade composta em sua maioria por analfabetos, a circulação de imagens com temáticas religiosas atuavam como ilustrações da sagrada escritura, eram um meio de educar as pessoas nos fundamentos bíblicos. Neste artigo, as imagens serão analisadas, como fontes históricas independentes e não somente como ilustrações das escrituras. Por meio do

controle que a Igreja detinha sobre as imagens a memória foi gradualmente construída. O artigo se desenvolverá para uma reflexão sobre a construção da memória da instituição e da coletividade medieval.

O conceito de imagem

O conceito de imagem utilizado neste artigo é da imagem como fonte de informação para o historiador. Para Ulpiano Menezes², é preciso entender as imagens como agentes sociais e práticas materiais. A análise dessas fontes não deve ser reduzida a seu caráter material, a trajetória de quem as produziu deve ser considerada, assim como a sua intencionalidade e para que fim a imagem se destinava.

O historiador Peter Burke³ em suas pesquisas na esfera da história cultural, a considerou abrangente e multidisciplinar, não tendo uma delimitação de fronteiras, tornando-a valorizadora dos simbolismos e das representações. Burke aponta a importância das representações que, para ele, tratam da exemplificação do real, do que é imaginado porém deixado de lado. As representações são desenvolvidas de forma literária, visual ou mental. As imagens são representações visuais de um objeto, estão diretamente relacionadas com o sentido e o imaginário humano. São os registros, os vestígios, as fontes históricas mais antigas em que o homem está em contato.

Para Menezes, as imagens são fontes e ferramentas, estas não se apresentam como seu foco de pesquisa, a sociedade é o seu objeto. As imagens são as ferramentas para a pesquisa,

² MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes Visuais, Cultura Visual. Balanço Provisório, Propostas Cautelares. ANPUH, 45, 2003.

³ BURKE, Peter. O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

para a construção de uma memória ligada a religiosidade e a um discurso de poder, as relações sociais representam grande importância para atribuição de sentido às imagens.

Ao analisar imagens com a temática religiosa, é indevido desconsiderar o caráter metafísico atravessado nelas, as obras possuem um apelo sentimental, afetam no sensível e promovem íntimas relações entre observador e observado. A imagem possui potência de afetação no sujeito, o entendimento de sua trajetória no imaginário carrega uma grande importância para a compreensão de seus efeitos nas sociedades medieval e renascentista. Elas representam relações de poder e de legitimação dos objetivos da Igreja.

A importância da imagem na Idade Média e no Renascimento

As imagens no período da Idade Média e posteriormente do Renascimento tinham entre muitos objetivos: o de promover controle social por meio da afetação e apelo moral. Havia nelas a possibilidade de transformar a sociedade conforme os interesses da Igreja. Seu uso possuía o valor subjetivo e afetivo que se relaciona com a autoridade nela presente. A autoridade da imagem é uma característica que representa o valor simbólico e o atravessamento de poder que a representação de personagens e cenas bíblicas representavam.

A questão da imagem para os cristãos é presente na escritura sagrada e segundo Maria Cristina Pereira⁴ a imagem assume um papel fundador, devido constar na sagrada escritura para os cristãos que o homem foi feito à imagem de Deus. O representante da Igreja papa São Gregório Magno afirmou, por volta do ano 600, que as imagens podem ensinar sobre Deus,

⁴ PEREIRA, Maria Cristina C. L. *Uma arqueologia da história das imagens*. In: GOLINO, William (org). Seminário: A importância da teoria para a produção artística e cultural. Vitória, UFES, maio 2004.

principalmente estes ensinamentos estão direcionados aos analfabetos. Era preciso encontrar meios de difundir a fé cristã, por consequência o poder da Igreja, para os não letrados. Devido a maior parte da população ser analfabeta a produção artística da época tinha como principal temática: a religião cristã. A autora do artigo *Uma arqueologia da história das imagens* afirma que “... a arte medieval ficou conhecida como uma Bíblia de pedra...”(PEREIRA, 2004: 2) devido ao volume de representações materiais nesta temática.

A imagem possuía um papel de fundamental importância na sociedade. O homem tinha nela um mecanismo de comunicação e de representação do que o atravessa⁵ e o constitui como sujeito, assim a produção de imagens pelo homem, permitia que a representação do seu objeto ultrapassasse os limites de seu tempo e do lugar social e espacial que ocupava.

Durante a Idade Média e no Renascimento, o efeito da imagem para a religiosidade é potencializado, por afetar no sensível, ela despertava a aproximação do objeto com o observador. Esta aproximação com o que está narrado na obra, atribui à imagem um caráter devotivo, de adoração. Segundo Jérôme Baschet⁶, o efeito anagógico que a pintura religiosa permite estava presente nas imagens desde o século XII, a temática principal do Renascimento reforçou tal efeito. Baschet ainda propõe o uso do termo “imagem-objeto” que por ter uma relação com a historicidade envolvida na imagem e sua materialidade, possibilita análises que vão além do caráter de obra de arte.

O conceito “imagem-objeto” se relaciona ao uso da imagem, à sua função e sua materialidade que pode garantir novos usos. Baschet não reduz a função da imagem à representação ou ilustração da Bíblia, há também a imagem que tem o objetivo de ser um lugar de oração, de penitência e qualquer outro uso que um fiel possa atribuir a ela; a imagem-objeto pode ser um relicário, um altar ou inúmeros outros objetos que possuem potência devotiva e autoridade religiosa diante do sujeito.

⁵ FONSECA, T. M.G; NASCIMENTO, M.L.; MARASCHIN, C. *Pesquisar na Diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. (Transversalizar, p.239)

⁶ BASCHET, Jérôme. *Introdução: a imagem-objeto*. In: SCHMITT, Jean-Claude et BASCHET, Jérôme. *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris: Le Léopard d'Or, 1996. p. 7-26 (tradução: Maria Cristina C. L. Pereira)

Não há imagem na Idade Média que seja uma pura representação. Na maioria das vezes trata-se de um objeto, dando lugar a usos, manipulações, ritos; um objeto que se esconde ou se desvela; que se veste ou se despe, que se beija ou se come (lembramos que a hóstia traz frequentemente uma imagem [...]); um objeto pedindo orações, respondendo às vezes por palavras ou barulhos, por gestos ou pela emissão de humores (sangue, água, óleo...), reclamando também dons materiais. (BASCHET, 1996: 3)

À imagem-objeto é agregado o uso de um outro objeto, a prática religiosa está relacionada a este uso, de modo a se tornar um lugar de culto, parte de um rito; ela adquire um caráter sagrado. Portanto, é preciso analisar a imagem além de sua materialidade e além de seu caráter de representação da escritura, a sua subjetividade e seu poder, o que a constitui, quais são seus possíveis usos e como a partir deles a memória da Igreja é construída.

Michel Foucault ⁷, em seus estudos sobre análise de discurso, relações de poder e construção de saber, considera que há nas instituições, lugares de saber e de verdade. Sendo a Igreja uma das principais instituições da época, seu discurso carregava poder e estratégia, que assumiu uma potência de afetação e construiu sujeitos por meio de suas práticas discursivas. Para Foucault, as imagens também estão atravessadas de discursos ainda que não faça uso predominante de recursos linguísticos, há estratégia e construção de verdades.

Nos primeiros séculos depois de Cristo membros da Igreja, em tentativa de fundamentação do cristianismo como uma religião poderosa para o Ocidente, perceberam a importância das imagens para a sua consolidação. A Igreja passou a estimular a produção da imagens, tornou-se a grande financiadora da arte medieval e renascentista.

Os primeiros trabalhos artísticos de temática cristã se assemelham a estética grega remetendo a arte clássica, o objetivo direcionado aos artistas, principalmente aos renascentistas era o de atribuir visualidade para os personagens das escrituras e com isso aproximá-los dos fiéis. Uma das principais características das imagens da época, sobretudo

⁷ FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro, NAU Editora, 2002.

das pinturas era a narrativa. As imagens contavam uma história, era possível compreender um movimento na cena representada que se relacionava com a narrativa textual bíblica com a interferência da intencionalidade do pintor, que não deve ser deixada de lado. Por isso a importância de pesquisar a trajetória dos artistas, muitos destes mantinham fortes relações com a Igreja e materializavam os desejos da instituição conforme seu talento, suas habilidades e sua interpretação.

O Renascimento realiza algumas mudanças nas características iconográficas devido a Revolução Científica impulsionar a produção de imagens para uma abordagem mais racional. As figuras humanas passaram a ser mais anatômicas, devido aos estudos do corpo humano, a natureza também passou a ser mais presente na composição das imagens, não era o tema central, mas construía a harmonia da cena e contava com referências matemáticas, como o ponto de fuga e a perspectiva, por exemplo. A transparência do traço, a harmonia da composição dos elementos naturais, atribuíam à imagem uma aproximação com o real, ainda com tais mudanças na iconografia, permanecia o caráter afetivo; objetivo que a Igreja esperava das imagens.

Como a proposta do presente artigo é uma reflexão sobre a construção da memória por meio das imagens, para isso as relações entre as imagens e as práticas religiosas devem ser problematizadas. Com estas relações, a forma e a função das imagens entram na esfera de análise. É no Renascimento que os usos das imagens aumentam, o financiamento dos produtores das imagens também cresce e junto deste há também o crescimento da autonomia da produção e as imagens são mais referidas como obras de arte, devido ao crescente reconhecimento do trabalho dos artistas.

Atribuir função a imagem apresenta a problemática da limitação do seu uso. Dizer que uma imagem é para recordar algo, reduz esta ao serviço da memória, à função de lembrança. A forma da imagem-objeto pode estar diretamente relacionada a sua função, como um relicário que poderia servir para guardar algum objeto importante afim de torná-lo especial, ou poderia servir como um lugar de oração onde preces poderiam ser depositadas. Sua forma se assemelha a de um altar, reduzido em escala e sua função tem uma relação muito forte com práticas religiosas.

Maria Cristina Pereira defende a análise da forma e função da imagem juntas. A autora cita outros autores como Schmitt, Warburg e Francastel para fundamentar sua ideia. Forma e função estão relacionadas às práticas religiosas, porém o que irá desenvolver o apelo subjetivo que as imagens desse período possuem é o recurso visual, seu sentido que é socialmente construído. Para Ulpiano nesta concepção de análise de imagens o visível dá lugar ao visual:

Nessa passagem do visível para o visual, foi necessário reconhecer e, de certa maneira, integrar três modalidades de tratamento: o documento visual como registro produzido pelo observador; o documento visual como registro ou parte do observável, na sociedade observada; e, finalmente, a interação entre observador e observado. (MENEZES, 2003:17)

Essa passagem onde o visual se torna mais importante que o visível é produto das relações sociais que envolvem os usos da imagem. Esta passa a ser menos um recurso ilustrativo puramente visível e mais visual com subjetividades e sentidos que lhe foram atribuídos pelo social.

As imagens não têm sentido em si, imanentes. Elas contam apenas — já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas — com atributos físico-químicos intrínsecos. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar. (MENEZES, 2003:28)

Segundo Baschet, quatro considerações devem ser pontuadas para a análise de uma imagem-objeto da Idade Média e Renascimento. A norma envolve as definições do clero ao que se refere as funções da imagem que seriam ensinar, lembrar e comover. O autor ressalta que as imagens extrapolam os limites dessas três funções, uma vez que o social é que atribui contínuos sentidos e usos às imagens. A intenção que apresenta a delicada questão da relação

da Igreja e os artistas e garante a elas o poder de legitimação dos sujeitos envolvidos. Os usos se referem a materialidade, a forma relacionada ao conceito de imagem-objeto. E o papel é para Baschet o ponto mais delicado e subjetivo, está relacionado à função porém o pesquisador deve ter o cuidado de não reduzir uma imagem a uma única função, pois a imagem carrega a subjetividade e a possibilidade de movimento que garantem a ela o caráter fluido de constantes sentidos e funções que podem ser atribuídas.

As funções e os usos de uma mesma imagem podem variar de acordo com o público que está se relacionando com ela, uma das características que se apresenta como um dos principais objetivos da Igreja é a permanência do caráter devotivo das imagens. As imagens são o elo entre o homem e Deus, até a atualidade continuam exercendo essa comoção subjetiva.

O produto dessa pesquisa é a problematização da relação entre memória e imagem, é a reflexão sobre como as imagens atuaram e continuam atuando no resgate de lembranças e construção de memória em fluxo contínuo no tempo. Para Daniel Russo⁸, as imagens estão à disposição das artes da memória, elas são decifradas e interpretadas pelo observador e a partir desse encontro o sentido da imagem é construído. Assim, Russo trabalha com o conceito de imagem-presença que define a imagem como uma fonte independente que não necessita se submeter a outro recurso para ser compreendida. O autor afirma também que os sentidos atribuídos à imagem não são permanentes, seus significados e simbolismos possuem uma fluidez que permite ressignificações.

[...] a imagem é estudada como um prisma que permite o acesso às relações de poder e aos jogos no interior de uma sociedade para analisar assim os diferentes fatores de semantização que a atravessam, ficando concentrados na força de um potencial ideológico. (RUSSO, 2011: 45)

Há também na opinião de Russo dois significados que o termo imagem pode ter. Essas duas possibilidades podem se apresentar em oposição, contudo o autor ressalta a proximidade

⁸ RUSSO, Daniel. *O conceito de imagem-presença da Idade Média*. Revista de História, São Paulo, n. 165, p. 37-72, jul./dez. 2011. (tradução: Maria Cristina C. L. Pereira)

entre elas. A imagem pode ser como um signo natural que indica a presença de algo, um testemunho histórico; e a imagem pode também indicar uma representação cultural. O conceito de imagem-presença pode unir as duas possibilidades e substituir a ideia de pura representação, o que também garante independência à imagem.

A presença, pois, mudou de polo de orientação: ela não é mais somente a majestade do princípio divino, manifestado em seu estar no mundo; ela se fez narrativa e mesmo, por vezes, narrativa de si, pela confrontação dominada [...] De acordo com esse prisma, a confrontação com o exterior produz conhecimento sobre si e sobre os outros. (RUSSO, 2011:69)

A compreensão dos signos e a presença das imagens por si preenchem lacunas que a Igreja demandava para a fundamentação da cristandade. A imagem faz parte da memória, da tradição e dos ritos, é um pilar do cristianismo.

A imagem e a construção da memória

A construção da memória por meio das imagens pode ser entendida quando Ulpiano define o que é Antropologia Visual: é a passagem do visível para o visual, considerando o discurso presente na imagem, a interação entre observador e observado. O que a imagem oferece ao observador? O que o observador espera da imagem? Esta relação que constrói a memória, não é a da Igreja como a memória da sociedade europeia ocidental. Segundo Baschet, a imagem tem dentre seus objetivos o de instruir e ensinar. O conhecimento está relacionado a memória, conhecer é lembrar.

A memória está ancorada não só no que o sujeito lembra e sim no que várias pessoas se recordam. Para Maurice Halbwachs ⁹ a memória é sempre coletiva, pois não estamos só. Viver em sociedade é um dos fatores que contribuem para a construção da memória, ainda

⁹ HALBWACHS, Maurice. *Memória individual e memória coletiva*. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 25 - 52.

que o ato de recordar possa ser individual, a memória não se apresenta aos indivíduos de forma solitária. As experiências vivenciadas sofrem ações do que o indivíduo carrega como memória e que é construída a partir de informações e experiências que vem também de outras pessoas.

Para ter a memória sobre algo, não é necessário a experiência física de determinada situação.

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena onde outros homens era espectadores ou atores para que, mais tarde, quando eles a invocarem diante de mim, quando reconstituírem peça por peça a sua imagem em meu espírito, subitamente essa construção artificial se anime e tome aparência de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. (HALBWACHS, 1990:28)

São as lembranças que não foram vividas, mas existem na memória que estão ligadas às práticas religiosas e expressam a autoridade das imagens. As práticas religiosas são em sua maioria meios de reviver experiências contadas na escritura. Seja o nascimento de Cristo, comemorado todos os anos, ou o tempo da quaresma, os cristão estão em busca de reviver, retomar, lembrar a Bíblia.

A construção da memória é referente a algo anteriormente esquecido e que está sendo retomado. As imagens religiosas, a imagem-objeto, quando ensinam algo para os fiéis estão provocando neles o fenômeno da lembrança. Paolo Rossi afirma que “todo conhecimento é uma forma de lembrança...”(ROSSI, 2010: 16). Lembrar das práticas religiosas, ou dos ensinamentos transmitidos por meio das imagens representam o constante movimento de memória. A imagem que é transmitida às pessoas provoca processos fenomenológicos que fundamentam a religião.

Ao gerar afinidade com os fiéis, as imagens que muitas vezes estão presente na casa das pessoas, transformam a memória em algo potente e sacro, elas apresentam uma possibilidade metafísica de relação com o divino. Há ainda as imagens com o caráter de relíquia, sagradas e com poderes curativos, que geram migrações de pessoas e movimentam a fé dos cristãos.

O poder atravessado nas imagens no período medieval e renascentista representa o esforço da Igreja para que os ensinamentos bíblicos por meio dos recursos visuais não sejam esquecidos. Há sempre um movimento de tornar o passado vivo no presente das pessoas. Este movimento possui uma relação muito forte com a identidade dos grupos. Ainda que muitas práticas religiosas fossem obrigatórias, principalmente nos primeiros séculos da Idade Média, a sociedade possuía uma identificação religiosa, cultural e até política com a Igreja.

O esquecimento é ponto fundamental de sustento da memória. O perigo que ele representa gera o cuidado com a recordação e com o que é revivido pelos cristãos. As imagens e as práticas religiosas são em grande parte resultado de um processo de esquecimento de uma experiência narrada na escritura em detrimento de outra que a Igreja apresente como objetivo de fundamentação da religião.

O esquecimento precisa ser situado num campo de termos e fenômenos como silêncio, desarticulação, evasão, apagamento, desgaste, repressão – todos os quais revelam um espectro de estratégias tão complexas quanto o da própria memória. (HUYSSSEN,2014: 158)

As imagens do referente período podem representar tentativas de silêncio, repressão e seleção do que deve ser lembrado. O esquecimento que possui as imagens como ferramentas, é moldado em seleções sobre as maneiras que a imagem de Deus deve ser para os fiéis. Há intencionalidades, um jogo de poder no silenciamento, no esquecimento moldado que garante a Igreja alcançar seus objetivos ao selecionar maneiras de representar o que há na escritura. A memória da instituição é construída a partir dessas medidas que podem ser repressoras. Desenvolver o esquecimento e a repressão que esse silenciamento carrega gera discursos e resistências que podem também ser construtores de memória.

A memória é sempre seletiva, não há no ser humano a capacidade biológica de registrar todas experiências vividas ou que lhe foram contadas e ensinadas. Portanto, a memória não atua como um arquivo mecânico onde há o registro de todas as lembranças e estas por sua vez estão ao alcance e sobre o poder do sujeito. Uma memória arquivada se transforma em documento e cabe ao arquivo preservá-la, e o historiador ao lidar com o

documento poderá atribuir voz a ele; porém não há um movimento de recordação já que essa memória em documento não pertence ao sujeito historiador. Há a seleção, em muitos casos intencional, do que deve ser lembrado. Com exceções da vivência de experiências traumáticas nas quais o sujeito não possui poder de esquecer a experiência. Estas seleções de lembranças estão diretamente ligadas à esfera afetiva, à subjetividade do sujeito e de suas relações com o que é recordado. Os sujeitos selecionam memória assim como as instituições como é o caso da Igreja, objeto de análise do então artigo.

Para o desenvolvimento social da memória, esta depende de agente externos que a auxiliem em suas intencionalidades.

A memória só poderá desempenhar sua função social através de liturgias próprias centradas em reavivamentos que só os traços- vestígios do que não existe são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável, não só das expectativas em relação ao futuro, como dos seus campos de objectivação-linguagem, imagem, relíquias, lugares, monumentos – e dos ritos que o reproduzem e o retransmitem; o que mostra que ela nunca se desenvolverá, no interior dos sujeitos, sem suportes materiais, sociais e simbólicos de memórias. (CATROGA, 2001: 23)

Os ritos e as imagens são as ferramentas da memória que auxiliam na função de recordar. A recordação é uma ação exclusiva do indivíduo, não é a imagem que recorda, esta se comporta como mediadora entre o sujeito e o que foi ensinado a ele e assim a recordação pode acontecer, sem este elo, a Igreja não alcançaria os objetivos de conquistar fiéis, aumentar seu poder espiritual, geográfico, político e cultural. A identidade é um dos produtos sociais desenvolvidos pela instituição por meio de medidas que selecionam, esquecem, silenciam e visam a recordação. Ao olhar a imagem de Cristo ressuscitado, o cristão se identifica com o sacrifício, se reconhece na dor e na humanidade da imagem de Deus que se assemelha a sua. É preciso uma análise não romantizada dessa identificação, pois os meios de criar uma memória religiosa são afetivos, e podem apresentar apelos a diversos sentimentos.

Uma das principais características iconográficas, principalmente da Idade Média, é a construção de figuras humanas que provoquem medo, terror, aflição. São imagens que despertam no observador uma afetação sensível, que demonstram o poder da Igreja, o sacrifício de Deus, o castigo e a penitência de pecadores. A grandiosidade e imponência das construções de igrejas medievais, em sua maioria no estilo gótico, também possuem poder de afetação no sujeito. Portanto, se identificar como cristão, neste período, não significa uma escolha onde há a liberdade religiosa, a identidade cristã pode significar repressão, silenciamento e obrigatoriedade.

Segundo Fernando Catroga¹⁰ há três divisões na memória, a proto-memória que é produto do habitus e das relações sociais; a memória em si; e a metamemória que se refere as representações das experiências individuais. Neste artigo, a proto-memória é o que se apresenta como fundamental para as análises das imagens religiosas, pois é ela que compreende a memória coletiva e a fenomenologia da memória que não se limita às questões do indivíduo, extrapola os limites da recordação pessoal e atinge o social.

Importa aqui diferenciar memória coletiva de memória social, Catroga destaca as diferenciações entre ambas. A memória coletiva representa as pluralidades de lembranças culturais, religiosas que um grupo tem em comum, enquanto a memória social abrange uma esfera maior onde as memórias coletivas são geradas e se fundamentam.

Somente por meio da lembrança que o conhecimento é possível e passado a diante, recordar é resgatar este conhecimento e torná-lo vivo. A memória não pode se construir desvinculada da ideia de futuro. O resgate da lembrança possui a intencionalidade de atribuir a ela algum uso no presente, no caso do resgate das lembranças construídas pela Igreja por meio das ferramentas que são as imagens, o reforço da religião e a consolidação da instituição são as suas demandas, para que assim a Igreja não se enfraqueça e se projete fortemente.

Uma das estratégias da Igreja para que sua instituição se projete ao longo do tempo como lugar de importância política, social e cultural, é a comemoração. O ato de comemorar funciona como um exercício de poder que deseja reafirmar o passado na tentativa de evitar

¹⁰ CATROGA, Fernando. Memória, História e historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001.

certos esquecimentos¹¹. As comemorações religiosas, muitas são como ritos, fazem parte da tradição da sociedade europeia medieval e renascentista, exercendo força até a atualidade. As imagens são recursos fundamentais para as comemorações ainda na contemporaneidade, em alguns ritos elas são as protagonistas. Como o Círio de Nazaré, que no Norte do Brasil, todos os anos a força simbólica e espiritual de uma imagem-objeto move milhares de pessoas.

A historiografia também exerce a função de recordar. Maria Cristina Pereira afirma que fazer uma história das imagens é ter nas imagens um meio de analisar a história e refletir sobre a historiografia das imagens, sobre a inserção das imagens nas sociedades ao longo do tempo e como elas nos impulsionam à recordação. A historiografia atua como as imagens, se remetendo ao passado a fim de ressignificá-lo. Catroga parelha a historiografia e a recordação, afirmando que ambas re-presentificam o passado e por meio das re-presentificações há a expectativa da memória.

Considerações Finais

O poder é umas das forças que, segundo Foucault, está presente em todos as esferas da sociedade e compõem o sujeito, as estruturas, as instituições, as imagens e a memória. Este poder está atravessado de forma capilar, não contendo definição hierárquica, constitui as estruturas e constrói verdades, saberes e memórias.

O fortalecimento da Igreja como instituição fundamental para a sociedade europeia ocidental é desenvolvido na Idade Média e alcança suas expectativas de projeção de seu poder. Este poder extrapola os limites geográficos da Europa e das configurações do período medieval, o cristianismo chega a outras regiões do mundo e mantém influência ao longo do tempo. O poder, que é capilar e fluido, não se fixa ou se centraliza na Igreja, ele constitui os servos, os reis, os bispos e as coisas, o que há de material produzido com intencionalidades humana e dotado de poder. As imagens são a materialização do poder da Igreja porém, elas só

¹¹ Para maior conhecimento sobre comemorações e memória ler: CATROGA, Fernando. *Comemoração e poder*. In: CATROGA, Fernando. *Memória, História e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

possuem sentido ao serem dotadas de uso pelos fiéis, que também estão atravessados de tal poder. E por sua vez, são eles que carregam a possibilidade de atribuírem às imagens a força e a representatividade desejada pela Igreja. São os usos e as práticas religiosas dos fiéis que enriquecem a construção de uma memória que pertence não só a Igreja ou aos cristãos mas também à uma sociedade que se reconhece e se identifica com tal tradição.

Bibliografia

BASCHET, Jérôme. *Introdução: a imagem-objeto*. In: SCHMITT, Jean-Claude et BASCHET, Jérôme. *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris: Le Léopard d'Or, 1996. p. 7-26 (tradução: Maria Cristina C. L. Pereira)

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAPPELLARIA, Márcia Schmitt Veronezi. *A arte da idade média como construtora de um conceito visual de mal*. ZIERER, Adriana (coord.). *Mirabilia 12 Paraíso, Purgatório e Inferno: a Religiosidade na Idade Média*. Jan-Jun 2011/ISSN 1676-5818.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

FONSECA, T. M.G; NASCIMENTO, M.L.; MARASCHIN, C. *Pesquisar na Diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. (Transversalizar, p.239)

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, NAU Editora, 2002.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

HALBWACHS, Maurice. *Memória individual e memória coletiva*. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 25 - 52.

HUYSSSEN, Andreas. *Resistência à Memória: usos e abusos do esquecimento público*. In: *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto / MAM, 2014. p. 155-176

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. *Fontes Visuais, Cultura Visual. Balanço Provisório, Propostas Cautelares*. ANPUH, 45, 2003.

PEREIRA, Maria Cristina C. L. *Uma arqueologia da história das imagens*. In: GOLINO, William (org). *Seminário: A importância da teoria para a produção artística e cultural*. Vitória, UFES, maio 2004.

ROSSI, Paolo. *Lembrar e esquecer*. In: *O Passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 15-38.

RUSSO, Daniel. *O conceito de imagem-presença da Idade Média*. *Revista de História*, São Paulo, n. 165, p. 37-72, jul./dez. 2011. (tradução: Maria Cristina C. L. Pereira)